

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JOÃO GABRIEL LORDE DE SOUZA

**GEOGRAFIA LÍRICA:
O RAP PARA A COMPREENSÃO CRÍTICA DA REALIDADE**

Porto Alegre

2025

João Gabriel Lorde de Souza

**GEOGRAFIA LÍRICA:
O RAP PARA A COMPREENSÃO CRÍTICA DA REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto

Porto Alegre

2025

João Gabriel Lorde de Souza

**GEOGRAFIA LÍRICA:
O RAP PARA A COMPREENSÃO CRÍTICA DA REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto

Porto Alegre, 16 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Denise Wildner Theves
Membro Titular
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Larissa Corrêa Firmino
Membro Titular
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

de Souza, João Gabriel Lorde
Geografia lírica: o RAP para a compreensão crítica
da realidade / João Gabriel Lorde de Souza. -- 2025.
61 f.
Orientadora: Élide Pasini Tonetto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2025.

1. Pedagogia Hip-Hop. 2. Ensino de Geografia. 3.
RAP. 4. Educação antirracista. 5. Periferia. I.
Tonetto, Élide Pasini, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

“Progresso, vitória, sucesso...

O gueto foi o berço de onde eu vim

Por isso eu represento 100% a quebrada onde eu nasci”

**Trecho de MC Paulin da Capital em “Quebradas” (com MC Cabelinho, MC Lipi e
DJ GM).**

RESUMO

Este trabalho aborda o uso das letras de RAP como recurso pedagógico para promover uma compreensão crítica da realidade geográfica e estimular o protagonismo dos alunos em contextos de escolas periféricas rururbanas em Porto Alegre, RS. Fundamentado na Pedagogia Hip-Hop e na Lei nº 10.639/03, investiga-se a potencialidade do RAP para conectar conteúdos geográficos às vivências estudantis, ampliando a reflexão sobre desigualdades socioeconômicas, raciais e culturais. A abordagem metodológica inclui observação participante e análises de interações escolares. As análises demonstram que a inserção de elementos do RAP no ensino de Geografia contribuiu significativamente para engajar alunos em discussões sobre sua própria realidade, permitindo que questões como pertencimento territorial e racismo estrutural fossem abordadas de maneira crítica. Conclui-se que o RAP, ao dialogar com experiências concretas dos estudantes, possibilitou um ensino mais significativo e próximo da realidade cotidiana das comunidades periféricas.

Palavras-chave: Pedagogia Hip-Hop; Ensino de Geografia; RAP; Educação antirracista; Periferia.

ABSTRACT

This study explores the use of RAP lyrics as a pedagogical tool to foster a critical understanding of geographic realities and encourage student agency in the context of rururban peripheral schools in Porto Alegre, RS. Grounded in Hip-Hop Pedagogy and Law No. 10,639/03, it examines the potential of RAP to connect geographic content with students' lived experiences, broadening reflections on socioeconomic, racial, and cultural inequalities. The methodological approach includes participant observation and analyses of school interactions. The findings reveal that incorporating RAP elements into Geography teaching significantly engaged students in discussions about their realities, enabling topics such as territorial belonging and structural racism to be critically addressed. The study concludes that RAP, by engaging with students' concrete experiences, facilitated a more meaningful and contextually relevant education for peripheral communities.

Keywords: Hip-Hop Pedagogy; Geography Education; RAP; Antiracist Education; Periphery.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1 A Pedagogia Hip-Hop.....	16
3.2 Lei no 10.639/03 - Lei da Educação Antirracista.....	19
3.3 Ensinando pensamento crítico.....	21
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	24
4.1 O Colégio Dr. Glicério Alves.....	25
4.2 Minha inserção na escola.....	27
4.3 As turmas.....	29
4.4 Materiais analisados.....	30
5 ANÁLISES DOS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	33
5.1 Aula 1 – Conhecendo os alunos.....	33
5.2 Aula 3 – Refletindo sobre desigualdades sociais a partir de “Capítulo 4 Versículo 3”.....	35
5.3 Aula 4 – Discutindo o Dia da Consciência Negra a partir de “Favela Vive 2”.....	37
5.4 Aula 5 - Avaliação.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
APÊNDICES.....	45

APRESENTAÇÃO

Tenho 26 anos e sou morador do bairro Ponta Grossa, no extremo-sul de Porto Alegre/RS. Vivendo desde sempre nesse ambiente periférico rururbano, sempre estudei em escolas públicas da região. Meus pais não puderam estudar quando jovens e concluíram seus estudos através dos antigos chamados supletivos, e por isso sempre me incentivaram a estudar: “Meu guri, vê se estuda pra tu não ser motorista de ônibus igual ao teu pai”.

No Ensino Fundamental, consegui vaga em uma ótima escola estadual localizada em uma rua de classe média alta na zona sul. Era uma escola premiada nacionalmente, *rankeada* entre as 10 melhores do Brasil entre todas as estaduais em determinado ano. A qualidade da estrutura da escola, com ótimos professores que marcaram até hoje minha trajetória como estudante e agora como professor, somados à bela paisagem que aquele bairro da escola possuía – mais agradável do que a do bairro onde eu morava –, que me fazia sonhar com um futuro melhor que os estudos poderiam me proporcionar, entre outras coisas que se passam na mente de uma criança, fizeram com que eu tomasse gosto pela escola.

Eu nem sabia, mas já estava exercitando meu pensamento geográfico enquanto analisava as diferentes paisagens que via entre a rua onde moro – que, na época, era de chão batido, com casas humildes e esgoto em “valo” aberto, como segue até hoje – e a rua onde ficava a escola que eu tanto gostava, perfeitamente pavimentada, limpíssima e com belas casas de pelo menos dois andares cada, além de carros novos na garagem. Realidades completamente diferentes há 15 minutos de distância, observadas por um olhar atento pela janela do ônibus.

Nessa escola, a Paraíba-CIEP, tive professores marcantes, como, por exemplo, a primeira de todas, na primeira série do Ensino Fundamental, a qual sempre lembrarei e levarei comigo por ter sido a minha primeira referência. Ela fez com que eu olhasse com olhos brilhantes para os professores desde o primeiro ano na escola.

Depois, cursei o Ensino Médio em outra escola pública, o Colégio Dr. Glicério Alves, onde realizei o Estágio Obrigatório em Licenciatura IV, sobre o qual fiz a

pesquisa que compõe esse trabalho. Essa escola tinha condições bem mais precárias em relação à anterior, tanto na sua estrutura física quanto na presença de professores marcantes. Mas meu olhar sobre o trabalho dos professores sempre esteve atento, por admiração e por me imaginar no lugar deles.

Eu me perguntava: Como eu daria uma aula sobre esse assunto? Como eu faria essa avaliação? Foi nessa época que conheci a UFRGS e o cursinho pré-vestibular popular onde estudei. Nele, aprendi mais sobre o acesso e permanência de alunos cotistas, incluindo os oriundos de famílias de baixa renda, como era o meu caso, e foi então que optei pelo caminho da licenciatura.

Primeiro escolhi a licenciatura, para depois, também por influência das aulas de “GeoAlegria” – como chamava suas aulas o professor do cursinho –, escolher a Geografia. Fui motivado pela vontade de trabalhar com aquilo que gosto, podendo falar sobre assuntos pelos quais tenho interesse, como as atuais problemáticas sociais, políticas, agrárias, urbanas, econômicas, entre tantas outras contempladas pela Geografia. Além disso, é claro, busquei minha emancipação social através de um curso de ensino superior, algo inédito na minha família até então.

Por morar na periferia, há mais de 20 km de distância do centro da cidade, onde estão a maioria das oportunidades de trabalho, estudo e lazer, sempre percorri grandes caminhos dentro do transporte público. Entre a escola e o lugar onde eu trabalhava durante o Ensino Médio, eu passava uma hora dentro do ônibus. Ao sair do estágio remunerado, ia até o centro, onde fazia o cursinho pré-vestibular, e saía de lá às 21h40. Na verdade, a aula acabava às 22h, mas eu, por morar tão longe, precisava sair um pouco antes para conseguir pegar meu ônibus.

Por vezes ouvi piadinhas e comentários desagradáveis de professores que se sentiam desrespeitados ao ver um aluno deixando sua aula antes do horário combinado, mas que não tinham a sensibilidade para me perguntar o motivo. Pelo visto, desconheciam a realidade do município onde vivem e dos alunos para os quais lecionam. Eu não moro no Bonfim (bairro de classe média vizinho ao Campus Centro da UFRGS, onde ficava o cursinho) e voltava de patinete eletrônico. Eu moro na Ponta Grossa e ainda encarava mais 1h10min de ônibus até em casa, onde chegava às 23h, tendo que começar tudo de novo no dia seguinte às 6h.

Ao todo, eram quase 3h dentro do transporte público todos os dias. Portanto, eu tinha muito tempo para ouvir música. Gostava de ouvir álbuns inteiros do início ao fim, e o longo caminho entre um destino e outro possibilitava isso.

Eu ainda não fazia música nessa época, mas o RAP foi um forte aliado nesse momento de luta na minha vida. Ele me encorajava a contrariar as estatísticas do sistema ao qual estamos inseridos, reciclando minha revolta e o estresse que toda aquela correria me causava. Em alguns (vários) dias, eu me sentia uma formiguinha saindo de casa de manhã e sabendo que só voltaria à noite, depois de passar por muitos perrengues. Muitas vezes eu agia no automático e nem sabia o motivo pelo qual estava me submetendo a passar por tudo aquilo.

O RAP, novamente, surgia como aliado para me mostrar, através das músicas que ouvia em meu fone de ouvido, que, sim, a vida é um campo de batalha, sobretudo para nós que viemos da periferia. Por isso, temos que ter disposição de sobra e correr dobrado para mudar a nossa realidade e a das pessoas à nossa volta.

*Desde pivete no fone o RAP
Que recicla revolta e stress*

*Neto de cabra da peste
Criticado nas veste
A quem se diz superior, né doutor?
Mestrado com requinte mas
Por baixo do pano se entope de cocaine e drink
Nunca flagrou o real valor de um madeirite*

*Injuriado, ônibus lotado, um passo pro lado
Caos concentrado, eu não posso chegar atrasado
Volto pra casa cozido, cansado e atropelado
Abono remunerado talvez quando eu for finado*

*E nessas sossegado deixando herança ao filho
Que também tá f***** com o que chamam de ensino
Planalto rindo, planeta Terra abrindo o bico
Se votar mudasse algo nessa p**** seria proibido*

ZRM. Zero Real Marginal. No álbum: ZeroRealMarginal.

Esta minha trajetória de vida constitui minha identidade docente, pois sei onde a influência de bons professores podem levar um aluno, e é isso que busco

como professor, uma forma de retribuir tudo aquilo que aprendi na escola e que ampliou o meu horizonte de perspectivas de vida, me trazendo até o ensino superior. No contexto de periferia, sonho em contribuir para que meus alunos também passem por esse processo, se interessem por Geografia pela importância dos assuntos que a tangem e são fundamentais na construção dos cidadãos que formarão a sociedade do futuro, mas principalmente que se interessem pelos estudos e percebam a sua importância motivados pelo almejo da ascensão social. Por outro lado, penso que em contextos de escolas mais elitizadas também posso contribuir trazendo as minhas vivências através de uma perspectiva diferente, com o mesmo objetivo de ampliar o horizonte dos alunos, mas neste caso o ponto de partida é o inverso do primeiro caso.

Portanto, acredito que minhas experiências pessoais como aluno e a trajetória que me levou à docência são fundamentais para moldar minha prática pedagógica. Meu objetivo é proporcionar aos meus alunos, independente de seu contexto social, oportunidades necessárias para expandir suas perspectivas e transformar suas realidades. Seja em ambientes periféricos, onde o foco está na superação de barreiras, ou em contextos mais elitizados, onde a conscientização sobre desigualdades é crucial, busco sempre inspirá-los a valorizar o conhecimento e a ver a educação como um caminho para a emancipação e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta busca investigar como o uso das letras de RAP pode ser eficiente na promoção da compreensão crítica da realidade geográfica e no estímulo da atuação consciente no espaço por parte dos alunos, no contexto de escolas localizadas no extremo sul de Porto Alegre. Esta região representa um contexto de periferia rururbana¹, caracterizada por desafios socioeconômicos e culturais distintos, tornando-se um cenário propício para o desenvolvimento dessa pesquisa. O RAP, como manifestação artística intrinsecamente ligada à realidade das periferias, carrega em suas letras uma potente ferramenta de expressão e protesto ligados a este cenário.

Além disso, o gênero musical traz consigo a capacidade de contar histórias, revelar experiências e transmitir sentimentos que refletem diretamente a Geografia humana e social das comunidades periféricas. Ao incorporar essas narrativas à sala de aula, buscamos estabelecer uma conexão profunda entre o conteúdo geográfico e a vivência dos alunos, possibilitando uma aprendizagem significativa.

Nesse contexto, a pedagogia hip-hop emerge como um pilar essencial deste projeto. Ela reconhece a cultura hip-hop como uma forma legítima de expressão e a utiliza como uma ferramenta educacional poderosa. Através dessa abordagem, pretende-se não apenas enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, mas também promover a identificação dos alunos com o lugar onde vivem, valorizando suas raízes culturais e geográficas.

O RAP tem se consolidado como um objeto de estudo relevante, especialmente no que diz respeito à cultura das periferias e à vivência das juventudes, tanto no Brasil quanto no mundo. Ao longo dos últimos anos, a visibilidade e a aceitação do RAP como forma legítima de expressão cultural têm crescido significativamente, refletindo o reconhecimento de sua importância social e educativa.

¹ Uma periferia rururbana é uma área que mistura características rurais e urbanas. Essas áreas geralmente estão localizadas na transição entre as zonas rurais e urbanas, apresentando uma combinação de elementos de ambos os ambientes. Elas podem incluir pequenos empreendimentos agrícolas, residências e infraestruturas que não são tão densamente desenvolvidas como nos centros urbanos, mas que também não são tão isoladas ou dependentes da agricultura como no interior rural.

Um exemplo notável dessa mudança é a inclusão do álbum “Sobrevivendo no Inferno”, do grupo Racionais MC’s, como leitura obrigatória no vestibular da Unicamp². Essa decisão simboliza a legitimação do RAP como um gênero literário, colocando-o ao lado de clássicos da literatura brasileira. Ao fazer isso, a Unicamp amplia os horizontes culturais dos estudantes e destaca a diversidade cultural do país, ao mesmo tempo em que desafia os estigmas históricos que envolvem o RAP e seus artistas. Essa ação é representativa do crescente reconhecimento do RAP como uma ferramenta educacional importante para a formação crítica dos jovens.

Ademais, diversas instituições de ensino, incluindo vestibulares e o ENEM³, passaram a incluir letras de RAP em suas questões. Esse uso não se limita a avaliar a compreensão de texto, mas busca também promover reflexões profundas sobre questões sociais, históricas e culturais. Ao incorporar o RAP nas provas, esses exames não apenas conectam o conteúdo escolar à realidade vivida pelos estudantes, mas também contribuem para uma educação mais contextualizada e crítica, que valoriza a produção cultural das periferias e sua relevância para a sociedade.

No cenário acadêmico, o rapper brasileiro Mano Brown do grupo Racionais MCs foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia, em reconhecimento ao impacto de sua obra. Suas letras, que retratam as experiências dos jovens das periferias brasileiras, especialmente nas décadas de 1990 e 2000, desempenham um papel significativo na construção de uma narrativa social e na promoção de reflexões sobre questões de desigualdade e violência. Esse título honorário não só celebra a importância de sua música, mas também reforça o papel do RAP na transformação social e no reconhecimento das vivências periféricas.

Outro exemplo de como o RAP tem sido integrado ao campo educacional é a criação do primeiro Museu do Hip-Hop da América Latina, localizado em Porto Alegre. Este museu se apresenta como um espaço educativo não convencional, oferecendo visitas a escolas de diferentes idades e classes sociais. Ao promover a educação por meio da interação com a cultura hip-hop, o museu torna-se um

² Universidade Estadual de Campinas.

³ Exame Nacional do Ensino Médio.

exemplo de como o RAP pode ser utilizado como uma ferramenta poderosa para promover a inclusão social e cultural, além de incentivar o entendimento das manifestações culturais periféricas.

Esses exemplos demonstram como o RAP tem transcendido suas origens, deixando de ser apenas um gênero musical de protesto para se tornar uma ferramenta de estudo acadêmico e de conscientização social. O RAP se estabelece, assim, como uma forma de dar voz às juventudes periféricas, refletindo suas realidades e contribuindo para a construção de uma sociedade mais crítica e inclusiva.

Ao encontro disso está o cumprimento da Lei no 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras. Através da utilização das letras de RAP, que muitas vezes abordam questões relacionadas à identidade negra e periférica, pretendemos contribuir para a conscientização e valorização das contribuições da cultura afro-brasileira na construção da identidade nacional.

Este projeto é relevante pois busca abordar o ensino de Geografia, utilizando elementos da cultura hip-hop, neste caso com foco nas letras de RAP, para envolver os alunos em uma aprendizagem crítica. Além disso, visa contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e raciais nas comunidades periféricas, promovendo uma educação antirracista e mais inclusiva. A abordagem metodológica proposta também pode servir de inspiração para outros professores desenvolverem novas formas de engajar os alunos e ampliar suas perspectivas sobre o mundo ao seu redor através de uma cultura tão rica e presente no cotidiano periférico como o hip-hop.

A análise das letras de RAP atuais é fundamental para compreender as mudanças no gênero ao longo do tempo. Enquanto o RAP brasileiro da velha escola era mais crítico e focado nos problemas sociais e territoriais, as letras contemporâneas comumente abordam temas como a autoestima dos jovens e a ostentação de bens materiais. A pesquisa busca também realizar uma análise semiótica dessas letras, revelando as críticas subjacentes à ostentação, muitas vezes representando aspirações da classe social desfavorecida.

A incorporação das letras de RAP como recurso pedagógico na sala de aula também visa o cumprimento da Lei no 10.639/03, que promove a educação antirracista e o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Essa abordagem abre espaço para discussões sobre diversidade, racismo e a identidade dos alunos.

Portanto, o projeto de pesquisa busca preencher lacunas na Geografia Escolar ao incorporar a cultura hip-hop, investigar as mudanças no RAP contemporâneo e promover práticas pedagógicas inclusivas. Isso não só enriquece a experiência de aprendizado dos alunos, como também oferece uma oportunidade para uma abordagem interdisciplinar que conecta a Geografia com a cultura popular e as realidades dos jovens periféricos.

Ao integrar a pedagogia hip-hop ao espaço escolar, essa abordagem pode colaborar significativamente para a construção de conhecimento geográfico e promover aos alunos uma compreensão mais profunda e consciente do espaço em que vivem. Em outras palavras, a utilização de letras de RAP como recurso pedagógico tem o potencial de engajar os alunos em uma aprendizagem mais significativa e crítica, permitindo-lhes explorar de forma reflexiva as dinâmicas sociais, culturais e raciais nas comunidades periféricas de Porto Alegre.

A hipótese central desta pesquisa é que o uso de letras de RAP como instrumento pedagógico pode ser uma estratégia eficaz para a promoção da compreensão crítica da realidade geográfica, bem como para o estímulo da atuação responsável dos alunos em escolas localizadas no extremo sul de Porto Alegre. Ao permitir que os alunos explorem as letras de RAP, relacionando-as com os conceitos geográficos, as questões socioeconômicas e culturais de seu entorno, acredita-se que eles desenvolverão uma visão mais ampla e reflexiva de sua realidade, além de uma maior consciência sobre sua identidade e pertencimento à comunidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é identificar e desenvolver estratégias pedagógicas que utilizem letras de RAP como recurso didático para promover a compreensão crítica da realidade urbana e periférica nas aulas de Geografia no primeiro ano do Ensino Médio.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar o impacto das letras de RAP na percepção dos alunos sobre sua realidade e a sociedade na qual estão inseridos;
- Investigar como o uso de letras de RAP pode contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e raciais nas zonas periféricas de Porto Alegre;
- Analisar propostas pedagógicas que integrem as letras de RAP às questões geográficas – que consequentemente possam contribuir para a construção de novos materiais por outros professores e que as abordagens desta temática em sala de aula sejam progressivamente aprimoradas;
- Avaliar as reações dos alunos e sua participação ativa ao utilizar essa abordagem pedagógica.

Os objetivos delineados neste trabalho visam enriquecer a Geografia Escolar e promover a compreensão das realidades urbanas e periféricas, incentivando o engajamento dos alunos com sua comunidade a partir da construção de uma consciência crítica em relação à sociedade. Além disso, a pesquisa busca contribuir para a criação de propostas pedagógicas que possam ser compartilhadas com outros professores, ampliando o impacto dessa abordagem.

Este trabalho apresenta minhas reflexões sobre a escola, seu entorno e as turmas com as quais trabalhei durante o Estágio Obrigatório IV realizado no

semestre 2024/2. A escola se localiza na mesma região da cidade onde resido e foi a instituição onde estudei no Ensino Médio.

Este trabalho está dividido em seções que acompanham o desenvolvimento da pesquisa e refletem sobre os desafios e aprendizados desse processo. Na seção denominada “Referencial teórico” abordo reflexões a partir do livro “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (hooks, 2020), a Pedagogia Hip-Hop (Hill, 2014) e a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, conectando esses referenciais ao contexto das práticas realizadas.

Em “Caminhos metodológicos”, apresento uma descrição do Colégio Dr. Glicério Alves, abordando a estrutura da escola, minha inserção no ambiente escolar, o perfil das turmas com as quais trabalhei e os materiais pedagógicos utilizados. A seção “Análises dos caminhos percorridos” traz uma reflexão crítica sobre o que foi desenvolvido em sala de aula, as respostas dos alunos e os ajustes necessários ao longo da pesquisa.

Por fim, as “Considerações finais” retomam os principais pontos trabalhados, discutindo como a experiência contribuiu para a construção do meu olhar enquanto professor, reforçando a necessidade de estratégias pedagógicas que dialoguem com as realidades dos alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa proposta neste trabalho fundamenta-se em um referencial teórico que abrange três principais vertentes: a Pedagogia Hip-Hop (Hill, 2014), Ensinando Pensamento Crítico (Hooks, 2020), e a Lei no 10.639/03 - Lei da Educação Antirracista. Os elementos teóricos escolhidos fornecem a base conceitual e metodológica necessária para a compreensão e o desenvolvimento do estudo sobre o uso das letras de RAP como recurso pedagógico no ensino de Geografia.

3.1 A Pedagogia Hip-Hop

A Pedagogia Hip-Hop é uma abordagem educacional que utiliza os princípios, valores e elementos da cultura hip-hop para promover aprendizagens ativas e engajar os estudantes de maneira criativa e crítica. Reconhecendo o hip-hop como uma forma legítima de expressão cultural e artística, esta pedagogia utiliza seus elementos — como a música RAP, a dança, o grafite, o DJing e a história do movimento hip-hop — como ferramentas pedagógicas para conectar o ensino à realidade dos alunos.

Entre os autores que abordam esse tema, destaca-se Marc Lamont Hill (2014), que introduziu o conceito em sua obra *“Beats, Rhymes, and Classroom Life: Hip-Hop Pedagogy and the Politics of Identity”*⁴. Hill argumenta que o hip-hop oferece uma plataforma poderosa para engajar os estudantes, promovendo uma educação que dialoga com suas identidades culturais e sociais. No Brasil, Cristiane Correia Dias desenvolveu um estudo sobre a Pedagogia Hip-Hop em sua dissertação de mestrado intitulada *“Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica”* (2018). Neste trabalho, realizado na Universidade de São Paulo, Dias (2018) investigou como o hip-hop pode ser utilizado na formação de identidades

⁴ Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade.

negras e periféricas, oferecendo uma perspectiva que influenciou esta pesquisa realizada na zona sul de Porto Alegre/RS.

Um dos pilares dessa pedagogia é a relevância cultural, que integra ao currículo escolar elementos que dialoguem diretamente com as vivências dos estudantes. Ao reconhecer e valorizar as práticas culturais associadas ao hip-hop, a Pedagogia Hip-Hop cria um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor, onde os alunos sentem que suas experiências e identidades são representadas e respeitadas. Esse aspecto é fundamental para o engajamento, pois aproxima o conteúdo escolar de suas realidades, fortalecendo o vínculo entre aluno e aprendizado. Cristiane Correia Dias (2018) traz algumas possibilidades de relação direta entre o hip-hop e a Geografia:

Aproveitando o papel fundamental da Geografia, em que a relação entre escola e cotidiano é de suma importância porque se aborda conceitos diretamente relacionados com a estrutura e a conjuntura social, econômica, política e ambiental desde sua escala local até a global; pode-se abordar as questões econômicas e a influência em nosso cotidiano por meio da análise do bairro do Bronx, pensar em como a juventude conseguiu sair da extrema pobreza através da Cultura Hip-Hop. O empreendedorismo do universo do RAP, por sua vez, possibilitaria uma discussão sobre o seu auge e o crescimento dos bailes black's e a transformação de empreendedores culturais na economia nacional e internacional. Nesse sentido, poder-se-ia pensar setores da economia marginal, digamos assim, em confronto com a desigualdade econômica do nosso país relacionando ainda o papel fundamental do Hip-Hop na formação do jovem: profissão, desafios e evolução, cabendo uma reflexão de como a indústria enxerga este mercado. (2018, p. 170)

Com esse trabalho pretende-se aprimorar e desenvolver a elaboração de materiais didáticos que utilizem letras de RAP como uma ferramenta pedagógica de forma cada vez mais ativa e engajada com as questões geográficas e com a realidade socioeconômica dos alunos, como sugere Hill ao destacar

(...) que professores e estudiosos se movam a fim de desenvolver uma visão da pedagogia Hip Hop que leve a sério a importância do desempenho acadêmico. (...) A fim de envolver pedagogias com Hip Hop, os professores devem identificar como os textos de Hip Hop podem ser usados para navegar pela questão acadêmica tradicional (2014, p. 212).

Isso envolve a investigação das estratégias de ensino necessárias para integrar efetivamente as letras de RAP ao currículo escolar geográfico, bem como a avaliação do impacto dessa abordagem na formação dos alunos como cidadãos conscientes e comprometidos com a transformação social.

Outro aspecto central é o engajamento criativo, que estimula os alunos a participarem ativamente do processo de aprendizagem por meio de atividades que desenvolvam suas capacidades artísticas e intelectuais. A criação de letras de RAP, performances de dança, intervenções gráficas e debates sobre temas abordados na cultura hip-hop são exemplos de como essa abordagem promove uma educação dinâmica e participativa.

A consciência social também é um elemento essencial da Pedagogia Hip-Hop, que incentiva os alunos a refletirem criticamente sobre questões sociais, raciais e culturais. O hip-hop, desde sua origem, tem sido uma forma de resistência e uma plataforma para denunciar desigualdades e injustiças. Incorporar essas reflexões ao ambiente escolar proporciona aos estudantes uma compreensão mais ampla e profunda dos contextos sociais em que estão inseridos, ajudando-os a se posicionar de maneira crítica frente às desigualdades estruturais.

Marc Lamont Hill, em seu livro “Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade”, relata suas primeiras experiências, em que relacionou e viu semelhanças entre o ambiente descrito nos RAPs que ouvia e o bairro onde vivia:

Um dia, uma hora em que eu estava sentado no meu quarto, meu irmão mais velho, Anthony, me deixou ouvir um dos seus discos de RAP favoritos, "9 mm Goes Bang", de KRS-One. Eu não consigo me lembrar quais eram as minhas expectativas antes de ouvir o RAP, mas eu estou certo de que eu estava totalmente despreparado para o que eu ouvi. Naquela hora, eu curti a música totalmente em seus méritos musicais; eu também fiquei um tanto inquieto e intrigado com a violenta história detalhada da canção. À medida que consumia mais de seus álbuns, eu desenvolvia uma ligação muito pessoal com KRS-One e sua música. Mais importante ainda, eu comecei a concatenar as histórias que KRS contava com os barulhos que eu ouvia do lado de fora da minha janela. Naquela altura, eu já tinha escutado histórias sobre a violência no bairro, mas elas sempre me pareceram distantes ou surreais. De repente, eu era capaz de juntar nomes, rostos e histórias nas partes mais confusas da minha vida. De muitas maneiras, o Hip-Hop se tornou minha janela para um mundo que era, ao mesmo tempo, familiar e estranho (Hill, 2017, p. 30).

Além disso, a Pedagogia Hip-Hop promove o empoderamento dos alunos, ajudando-os a reconhecer suas vozes como potentes e legítimas no espaço educacional e além dele. Por meio do contato com as raízes históricas do movimento hip-hop e das mensagens contidas em suas expressões culturais, os alunos são inspirados a enxergar a si mesmos como agentes de mudança e protagonistas de suas próprias histórias.

Por fim, essa abordagem enfatiza a crítica cultural, incentivando os estudantes a analisar os significados e as implicações das produções artísticas e culturais do hip-hop, bem como de outras manifestações culturais, com olhar crítico. Esse processo contribui para desenvolver habilidades analíticas, promovendo debates sobre as mensagens transmitidas pela música, pelo grafite e por outros elementos da cultura contemporânea.

Ao incorporar esses princípios no ambiente escolar, a Pedagogia Hip-Hop não apenas promove uma educação mais inclusiva, conectada às vivências dos alunos, mas também orientada para a transformação social.

3.2 Lei no 10.639/03 - Lei da Educação Antirracista

A Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) para incluir no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essa legislação marca um importante avanço no reconhecimento da diversidade cultural brasileira e na promoção de uma educação antirracista.

O objetivo principal da Lei nº 10.639/03 é combater o racismo estrutural e institucional por meio da educação, promovendo o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para a formação histórica, social e cultural do Brasil. A legislação busca romper com o silêncio e a invisibilização que tradicionalmente marcaram a abordagem da história e cultura

afro-brasileira nos currículos escolares, apontando para a necessidade de valorizar a pluralidade de identidades e trajetórias que compõem a sociedade brasileira.

A Lei estabelece que o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira deve contemplar temas relacionados à história do continente Africano, à cultura dos povos africanos e às lutas históricas dos afrodescendentes no Brasil, incluindo o período da escravidão e as formas de resistência, como os quilombos, e as contribuições culturais, sociais e econômicas dos afro-brasileiros. Essa abordagem deve ser transversal, permeando diversas disciplinas, como História, Geografia, Literatura e Artes, além de ser abordada de forma interseccional, integrando questões de gênero e classe.

Apesar dos desafios, a Lei nº 10.639/03 abriu caminhos para importantes transformações no campo educacional. Ao trazer à tona a importância de uma educação antirracista, a legislação tem incentivado a produção de materiais pedagógicos, projetos e iniciativas que buscam valorizar as histórias e culturas afro-brasileiras e africanas. Movimentos sociais e acadêmicos têm desempenhado um papel fundamental na promoção de formações, eventos e pesquisas que fortalecem o debate sobre a implementação da Lei.

Além disso, a lei reforça a necessidade de construção de uma escola mais inclusiva, que reconheça as diferenças culturais como uma riqueza e não como um motivo de discriminação. Ao trazer a centralidade da luta contra o racismo para o ambiente escolar, promove-se a formação de estudantes mais críticos, conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa. Dias fala sobre a tarefa diária do professor: “(...) desenvolver uma educação dentro de uma perspectiva revolucionária, capaz de romper com as desigualdades sociais, o racismo e a violência institucionalizados” (2019, p. 150).

A implementação da Lei nº 10.639/03 não se limita à inserção de conteúdos no currículo escolar; ela representa uma oportunidade de ressignificar o papel da educação na luta contra o racismo e as desigualdades estruturais. Para alcançar seus objetivos, é indispensável um compromisso efetivo de todos os atores envolvidos no processo educacional, desde professores e gestores até os próprios estudantes, fomentando uma pedagogia que vá além da transmissão de conhecimentos e promova o questionamento crítico das estruturas de poder que

sustentam o racismo. Ao refletir sobre privilégios e opressões, a escola pode se tornar um espaço de resistência e transformação social, contribuindo para formar indivíduos capazes de construir uma sociedade em que a pluralidade e a justiça social sejam princípios centrais. Esse desafio, no entanto, requer a superação de práticas pedagógicas que ainda reproduzem estereótipos, bem como o enfrentamento das barreiras institucionais que dificultam a efetivação da lei. Somente com ações contínuas e integradas será possível consolidar uma educação antirracista que reconheça e valorize a diversidade cultural brasileira como elemento essencial da cidadania.

3.3 Ensinando pensamento crítico

Bell hooks, em sua obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (2020), apresenta reflexões sobre o papel transformador da educação, defendendo que o processo de ensino deve ir além da simples transmissão de conteúdos, promovendo o engajamento ativo dos alunos e o desenvolvimento de suas capacidades críticas. Para hooks⁵ (2020), o ato de ensinar é um compromisso político e ético, no qual o incentiva os estudantes a questionarem suas realidades, desenvolverem autonomia intelectual e estabelecerem conexões entre o conhecimento acadêmico e suas experiências de vida.

Um dos conceitos centrais trazidos por hooks é o de "educação como prática da liberdade", inspirado por Paulo Freire. A autora argumenta que a sala de aula deve ser um espaço de diálogo e troca, onde professores e alunos compartilham saberes e se engajam em reflexões coletivas que rompem com estruturas hierárquicas tradicionais. Essa perspectiva exige uma pedagogia que valorize a diversidade, a experiência individual e as múltiplas formas de saber, ao mesmo

⁵ O nome da autora bell hooks é grafado em letras minúsculas como uma escolha intencional e simbólica. Gloria Jean Watkins, seu nome de nascimento, adotou o pseudônimo inspirado na bisavó materna, Bell Blair Hooks, mas decidiu escrever o nome em minúsculas para desviar a atenção de si mesma e focar na essência de suas ideias. Essa decisão reflete sua postura crítica em relação às hierarquias e às estruturas de poder, enfatizando a importância do coletivo e do conteúdo sobre a figura individual do autor.

tempo em que desafia os estudantes a refletirem sobre questões sociais, culturais e políticas de forma crítica.

Hooks também ressalta a importância de ensinar a partir de uma postura afetiva e inclusiva. Para ela, o aprendizado crítico é mais eficaz quando ocorre em um ambiente onde os estudantes se sentem respeitados, ouvidos e valorizados. Esse ambiente fomenta não apenas o engajamento, mas também a coragem de assumir posicionamentos e defender ideias, mesmo em contextos de adversidade.

Essas ideias tiveram uma relação direta em minhas práticas docentes. Ao planejar as aulas, busquei incorporar elementos que incentivassem os alunos a refletirem criticamente sobre temas relevantes às suas realidades. Por exemplo, na aula sobre a música “Capítulo 4 Versículo 3”, do grupo Racionais MC’s, inspirei-me na proposta de hooks (2020) de conectar o conhecimento acadêmico às vivências dos estudantes. A música foi utilizada como ponto de partida para discutir desigualdades sociais e raciais no Brasil, comparando dados dos anos 1990 aos atuais. Essa abordagem não apenas contextualizou o conteúdo geográfico, mas também promoveu um espaço de reflexão crítica sobre o impacto de políticas públicas, como a Lei de Cotas, na sociedade brasileira.

Além disso, ao trabalhar com “Favela Vive 2” do grupo ADL, procurei criar um espaço de diálogo onde os alunos pudessem expressar suas percepções sobre as desigualdades que vivenciam, conectando as problemáticas descritas na música com suas realidades. Essa prática reflete a ideia de hooks (2020) de que o professor deve incentivar o pensamento crítico a partir de temas que ressoem com a experiência dos estudantes, ajudando-os a reconhecer e questionar estruturas sociais opressoras.

Alguns instrumentos usados, como um questionário aplicado na primeira aula também foi inspirado pela filosofia de hooks. Nele solicitou-se aos estudantes que expusessem a profissão de seus pais, o bairro onde moram, como se deslocam até a escola, o que gostam de fazer nos momentos de lazer, qual(is) seu(s) ídolo(s), qual seu estilo musical preferido, qual seu sonho/objetivo a ser realizado após a conclusão do Ensino Médio, entre outras questões. No entanto, ele não foi apenas uma ferramenta de coleta de dados, mas uma oportunidade para demonstrar aos alunos que suas histórias e contextos pessoais importavam no processo educativo.

Essa atitude, alinhada à pedagogia inclusiva proposta por hooks, ajudou a criar um ambiente de confiança e respeito mútuo, essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Ao longo do trabalho, busquei seguir o exemplo de bell hooks (2020) ao ensinar com empatia, engajamento e um compromisso com a transformação social. Suas ideias influenciaram minha prática ao enfatizar que a educação deve ser um ato de resistência, diálogo e emancipação, capacitando os estudantes a questionarem o mundo e a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, utilizo uma abordagem qualitativa de pesquisa, amparado nas interações, percepções e práticas dos alunos de duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio em que realizei meu último estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Geografia. Priorizei a experiência direta e o entendimento da perspectiva dos sujeitos pesquisados, possibilitando captar as dinâmicas sociais e culturais que se desenrolam no ambiente escolar, oferecendo uma visão pessoal do contexto estudado.

Para isso, adotei a observação participante como principal técnica de coleta de dados. Durante as aulas, registrei não apenas o comportamento dos alunos e suas interações, mas também o modo como se envolviam com os temas apresentados. Essa prática permitiu observar como os conteúdos geográficos eram interpretados e ressignificados no contexto das suas realidades cotidianas.

Além disso, realizei conversas abertas com os alunos, buscando compreender suas percepções sobre a disciplina de Geografia, seus interesses e dificuldades. Esse diálogo foi essencial para acessar as vozes dos estudantes, valorizando suas experiências e perspectivas.

Fui um professor-pesquisador neste processo. Durante o estágio, assumi a dupla função de ensinar e, simultaneamente, refletir sobre minha prática docente e os impactos das metodologias empregadas. Ao longo dessa experiência, busquei avaliar como minhas escolhas pedagógicas influenciavam o engajamento e a aprendizagem dos alunos, além de considerar como os *feedbacks* deles retroalimentavam e transformavam minha abordagem em sala de aula.

Ao valorizar e respeitar as culturas afrobrasileiras, esse trabalho pedagógico contribui para uma educação mais equitativa e inclusiva, que reconhece a riqueza e complexidade da história brasileira e empodera os alunos a se tornarem agentes de transformação social.

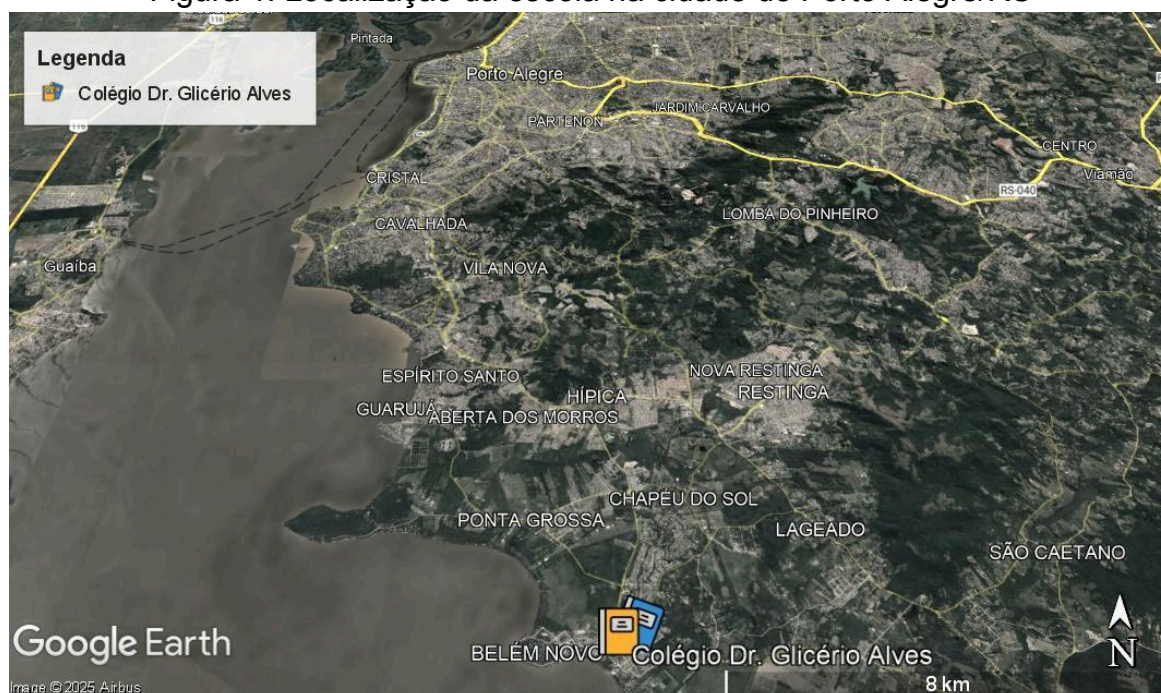
Nesta seção, apresento os elementos principais do estágio curricular obrigatório realizado no Colégio Dr. Glicério Alves, explorando aspectos que contextualizam a prática docente e as experiências vivenciadas. Para isso, o texto está organizado em quatro subseções. Primeiro, descrevo o contexto da escola,

suas características físicas e socioeconômicas. Em seguida, relato minha inserção na escola e como foram conduzidas as aulas iniciais, com foco na construção de um vínculo inicial com os alunos e no entendimento do contexto em que estão inseridos. Na terceira subseção, abordo as características específicas das duas turmas com as quais trabalhei, evidenciando os contrastes e suas implicações para o ensino. Por fim, apresento os materiais utilizados nas práticas de estágio, incluindo os planos de aula e a avaliação desenvolvidas por mim, acompanhados de uma análise reflexiva.

4.1 O Colégio Dr. Glicério Alves

Foi nesta escola onde cursei todo o meu Ensino Médio entre 2014 e 2016, e, portanto, já sabia o que esperar, visto que conhecia a sua estrutura física, a condição socioeconômica dos alunos e a maioria dos professores. Está localizada no bairro Belém Novo, no extremo-sul de Porto Alegre/RS, bem próximo ao bairro Ponta Grossa, onde moro, há aproximadamente 20km de distância do centro da cidade, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: Localização da escola na cidade de Porto Alegre/RS



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

O Colégio Dr. Glicério Alves é uma instituição de ensino composta por dois prédios de dois andares, que abrigam as salas de aula, além de um terceiro prédio onde estão localizados o saguão, a direção, a sala dos professores e a secretaria. Um dos prédios de aulas também conta com a biblioteca equipada com *chromebooks*, uma sala de vídeo, a sala de informática e a sala de recursos. A escola atende às modalidades de Ensino Fundamental no turno da tarde e Ensino Médio nos turnos da manhã e noite, com um total aproximado de 700 alunos. O colégio conta com um refeitório e uma quadra esportiva para as atividades dos estudantes. Em relação aos materiais didáticos de Geografia, a escola dispõe de alguns mapas, mas não possui um globo terrestre, o que limita algumas abordagens mais visuais do conteúdo.

É importante destacar que por algum motivo a internet da escola não chega até a sala de informática, e por isso eles precisam utilizar os computadores na biblioteca. A condição vista na escola ainda é muito parecida com a vivida por mim como aluno há 10 anos atrás, com salas de aula depredadas e pichadas, sendo que muitas das pichações ainda são as mesmas da época em que eu fui aluno da escola.

Imagem 1: Pátio do Colégio Estadual Dr. Glicério Alves



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2025.

Entendo que as condições precárias da escola não são por acaso, mas sim parte das estratégias governamentais para que a classe mais baixa permaneça com poucas alternativas para sua sobrevivência e subalterna à elite, afinal, se está sobrando para poucos, está faltando para muitos⁶. Na periferia, onde os alunos mais precisam de recursos e alternativas para melhorar a sua realidade e de sua família, é onde se tem as piores condições para estudar. Percebi que o ambiente escolar nesta escola não é nada convidativo e isso faz com que os jovens se desmotivem com os estudos, não conseguindo enxergar a esperança de um futuro melhor através daquele espaço. Para quem vem de baixo, como nós, a universidade representa uma rara oportunidade de mudar de vida, ampliar o seu horizonte de perspectivas e ascender socialmente. Por isso, faço questão de motivar meus alunos a prosseguirem com os estudos após o Ensino Médio, citando minha história como exemplo, pois vim do mesmo lugar que eles e consegui chegar ao Ensino Superior numa das principais universidades do Brasil.

4.2 Minha inserção na escola

Atuei em duas turmas, 1A e 1D, nas manhãs de sexta-feira.⁷ A primeira aula com cada uma delas foi realizada no dia 18 de outubro de 2024. Tais aulas tiveram como objetivo "quebrar o gelo" com os alunos, permitindo que eles me conhecessem melhor e, ao mesmo tempo, tive também a oportunidade de os conhecer.

Como não foi a primeira vez que dei uma aula neste modelo, me senti seguro ao decorrer de seu desenvolvimento. As salas onde estudei durante todo o Ensino Médio também não foram uma novidade para mim, e a partir das minhas próprias vivências naquele ambiente eu contei minha trajetória desde a escola, passando pelo cursinho pré-vestibular até a graduação. Além de me apresentar, precisava

⁶ Os dados do IBGE, em 2023, demonstram que a renda dos 10% mais bem remunerados do país era 14,4 vezes maior do que a dos 40% mais pobres. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39809-em-2023-massa-de-rendimentos-e-rendimento-domiciliar-per-capita-atingem-recorde>. Acesso em: 10 jan. 2025.

⁷ Além das primeiras aulas realizadas no dia 18 de outubro de 2024, minha atuação incluiu 10 horas de observação nas turmas 1A e 1D. Durante esse período, também realizei uma entrevista com a professora regente, o que foi fundamental para compreender a dinâmica pedagógica e os desafios enfrentados no contexto escolar.

principalmente conhecê-los, e busquei isso através de um questionário que me acompanha na primeira aula com cada turma.

O questionário revelou questões importantes sobre os alunos e sobre o perfil de cada turma de forma geral, como os bairros onde eles moram, a forma que se deslocam até a escola e a condição socioeconômica de suas famílias, seus resultados são analisados na seção Análises dos Caminhos Percorridos.

Durante uma aula com esta turma presenciei um aluno dormindo com a cabeça deitada na classe. Não o julguei⁸. O acordei e perguntei se ele estava cansado, ele disse que sim, então perguntei se ele trabalha, e novamente ele respondeu afirmativamente, mas dessa vez de forma um pouco constrangida. Quando o perguntei onde ele trabalhava, ele relutou e antes que respondesse o seu colega do lado respondeu por ele, em leve tom de piada. Eu intervi perguntando a este colega risonho qual era o motivo da graça. Perguntei se ele achava engraçado trabalhar e “dei uma moral” para o aluno que foi pego cochilando, parabenizando-o pelo seu esforço, eu disse para ele que está no caminho certo, batalhando e conseguindo seu dinheiro de forma honesta desde novo. Penso que esta atitude de acolhimento ao aluno que estava cansado e cochilou depois de cinco períodos de aula que iniciam as 7h30 da manhã o traz mais para perto do professor e consequentemente da Geografia, talvez tudo que aquele aluno esteja precisando são algumas palavras de afirmação, algum professor que diga “Eu acredito em ti!” em vez de colocá-lo em uma caixinha de alunos descomprometidos logo no primeiro dia de aula, sem ao menos tentar entender o contexto em que vive o aluno.

Assim é a rotina de muitos jovens de periferia que desde o Ensino Médio, alguns até antes, já precisam conciliar a rotina escolar com a rotina do trabalho para poder ajudar no rendimento da família. Com essas observações feitas na primeira aula eu pude entender melhor o contexto em que os alunos estão inseridos e assim pude planejar melhor as aulas, trazendo os temas e conteúdo da Geografia que seriam trabalhados nas próximas semanas para perto da realidade, muitas vezes dura, desse grupo de jovens.

⁸ Pois lembrei da minha época de Ensino Médio, onde eu saía às 6h45 de casa para ir à escola, de lá eu ia diretamente para um estágio remunerado na prefeitura, onde ficava até as 18h e então partia para um cursinho pré-vestibular popular na UFRGS do Centro à noite, chegando em casa somente às 23h e tendo que encarar tudo de novo no dia seguinte.

4.3 As turmas

Neste trabalho analisei a experiência do meu trabalho docente com duas turmas dos primeiros anos do Ensino Médio, 1A e 1D. Conforme comentei anteriormente, a primeira era formada por alunos que já estudavam no “Glicério” desde o Ensino Fundamental em sua maioria e, portanto, já tinham algumas relações de amizade entre si melhor desenvolvidas. Os alunos possuíam entre 14 e 16 anos e não eram repetentes. A professora os considerava a 1A uma turma mais “certinha”, e eu durante as práticas comprovei essa impressão, visto que eles eram organizados, tanto na forma em que se distribuía na sala de aula, tanto na forma em que organizavam seus cadernos. Também eram silenciosos, o que tornava a aula mais ordenada, porém esse silêncio por vezes se confundia com a timidez e isso prejudicava as aulas em que eu esperava engajamento e participação ativa dos alunos.

Já a turma 1D apresentava um perfil diferente. Era formada em sua maioria por alunos que vieram de outras escolas e, portanto, ainda estava criando os vínculos sociais necessários para sobreviver em uma escola pública no Ensino Médio. Os alunos nessa turma tinham entre 15 e 18 anos, contando com alguns repetentes e outros *re-repetentes*⁹. Fui avisado de que encontraria uma turma mais caótica do que a primeira, e assim foi. Os alunos se distribuía de forma irregular nas classes, deixando um “buraco” no meio da sala e se aglomerando no fundo e nos cantos. Apesar de ser uma turma menos ordenada e mais agitada do que a primeira, esses alunos se mostraram mais engajados e participativos, com menos timidez para interagir comigo durante as aulas e exporem suas opiniões e dúvidas.

Trabalhar com essas duas turmas evidenciou os contrastes entre perfis escolares e como essas diferenças afetavam o processo de ensino-aprendizagem. A turma 1A, embora organizada e disciplinada, apresentava um desafio em relação à apatia e à timidez, o que exigia estratégias que estimulassem a participação ativa e um ambiente mais dinâmico. Já a 1D, com seu caráter desordenado e agitado, demandava um esforço maior de gestão de sala, mas oferecia a oportunidade de explorar o entusiasmo e a espontaneidade dos alunos em favor de um aprendizado

⁹ Alunos que foram reprovados mais de uma vez.

mais participativo. Essas experiências me levaram a refletir sobre a importância de adaptar minhas práticas pedagógicas às especificidades de cada grupo, buscando equilibrar ordem e engajamento em sala de aula.

4.4 Materiais analisados

No decorrer do Estágio Supervisionado em Geografia IV foram realizadas 20 horas-aula divididas entre duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio, totalizando 10 períodos com cada turma. Cada plano de aula tem a duração de dois períodos consecutivos, ou seja, duas horas-aula. Contudo, neste trabalho foram analisados:

a) materiais específicos usados em três aulas, referentes aos dias 18/10, 08/11 e 22/11/2024. Os planos das três aulas estão nos Apêndices deste trabalho;

b) uma prova individual sobre temas como cultura hip-hop, racismo estrutural, Lei de Cotas, interpretação musical e quilombos, com foco em análise crítica e argumentação, utilizada na última aula com cada turma no dia 29/11/2024. Destaco que os materiais selecionados para análise neste trabalho foram cuidadosamente escolhidos com base em sua relevância pedagógica, alinhamento aos objetivos educacionais do estágio e potencial para fomentar reflexões críticas entre os alunos, alinhados também ao recorte temático da pesquisa. A seguir, detalham-se os critérios específicos para cada material:

Aula 1 - 18/10/2024 - Questionário: a escolha deste material fundamentou-se em sua capacidade de conhecer o perfil socioeconômico e cultural das turmas, criando um ponto de partida para a adaptação das aulas à realidade dos alunos. O questionário também possibilitou abrir um diálogo sobre o acesso e a permanência nas universidades públicas, a partir da minha própria trajetória de vida como professor e ex-aluno de escola pública. Essa abordagem buscou inspirar os estudantes a ampliar seus horizontes e reconhecer as oportunidades educacionais disponíveis (Apêndice 1).

Aula 3¹⁰ – 08/11/2024 – Música “Capítulo 4 Versículo 3”, do grupo Racionais MC's: foi escolhida por sua relevância temática e conexão direta com conteúdos

¹⁰ Não foram selecionados materiais da Aula 2, por isso inseri as numerações fora da ordem.

geográficos e sociais. A letra traz dados sobre a população brasileira que evidenciam desigualdades raciais e sociais, permitindo traçar um panorama entre os anos 1990 (quando a música foi lançada) e os dados atuais. Isso possibilitou uma discussão sobre o impacto de políticas públicas, como a Lei de Cotas, na promoção da equidade social. Além disso, o contexto revelado no questionário da primeira aula indicou a identificação dos alunos com o RAP, reforçando sua conexão com o tema e ampliando a sensação de pertencimento (Apêndice 2).

Aula 4 – 22/11/2024 – Música “Favela Vive 2”, do grupo ADL: a aula foi estruturada para abordar questões de desigualdade racial e social, conectando-as ao cotidiano dos alunos. A escolha foi motivada pelo feriado da Consciência Negra, que marcou um evento inédito no Rio Grande do Sul¹¹, e pelo objetivo de conscientizar os estudantes sobre a relação entre as periferias rururbanas de Porto Alegre e as problemáticas narradas na música. A aula contou com o suporte do “Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS” (Pires e Bitencourt, 2021) e do livro “Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre” (Dorfman, 2015). A abordagem atendeu às exigências da Lei nº 10.639/03, que determina a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. (Apêndice 3)

Aula 5 – 29/11/2024 - Prova Final: A avaliação foi elaborada para avaliar e consolidar as aprendizagens desenvolvidas ao longo das aulas (Apêndice 4). Entre as questões, destaco as presentes no Quadro 1.

¹¹ Em 2024, pela primeira vez, o Dia da Consciência Negra (20 de novembro) foi estabelecido como feriado nacional no Brasil, após a sanção da Lei nº 14.519/2023. Antes disso, a data era feriado apenas em alguns estados e municípios, sendo comemorada como um marco da luta contra o racismo e em homenagem a Zumbi dos Palmares, líder histórico da resistência negra no país. A instituição do feriado em âmbito nacional reflete o avanço, ainda que tardio, no reconhecimento da importância da história e da cultura afro-brasileira no contexto nacional.

Quadro 1: Questões da Prova

Questão 1: Por não se tratar da Pedagogia Hip-Hop, a questão não foi analisada nesta pesquisa.

Questão 2: Baseada no ENEM, explora a relevância acadêmica da cultura hip-hop, conectando-a ao tema da aula 3;

Questão 3: Avalia a interpretação da música Capítulo 4 Versículo 3 e as habilidades desenvolvidas na aula 3, alinhando-se à competência de construir argumentos e debater questões socioeconômicas e geográficas;

Questão 4: Relaciona-se à aula 3, abordando o racismo estrutural e o impacto da Lei de Cotas no acesso à educação superior;

Questão 5: Inspirada na aula 4, avalia o conhecimento sobre os quilombos e sua representação cartográfica, promovendo a análise crítica de questões históricas e sociais.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Todos os materiais analisados estão disponibilizados nos Apêndices deste trabalho, acompanhados de informações detalhadas sobre sua elaboração, desenvolvimento e contribuições para as práticas pedagógicas realizadas.

5 ANÁLISES DOS CAMINHOS PERCORRIDOS

Nesta seção serão apresentadas reflexões detalhadas sobre as práticas realizadas ao longo do trabalho. Cada subseção aborda aspectos centrais das aulas ministradas, como suas propostas pedagógicas, os desafios enfrentados e as aprendizagens construídas em conjunto com os alunos. São destacadas as estratégias utilizadas para promover uma educação crítica e inclusiva, com especial atenção ao papel de elementos culturais, como o RAP, na construção do ambiente de aprendizagem. As análises também buscam relacionar as práticas desenvolvidas com fundamentos teóricos que norteiam o trabalho docente, promovendo uma articulação entre teoria e prática que contribua para a formação cidadã e o empoderamento dos estudantes.

5.1 Aula 1 – Conhecendo os alunos

Na primeira aula com cada turma, apliquei um questionário com os alunos como parte de uma aula introdutória. O objetivo principal era compreender o perfil socioeconômico e cultural da turma e, a partir disso, adaptar o conteúdo de Geografia às suas realidades. O questionário continha as seguintes perguntas:

- Qual é o seu nome?
- Qual a sua idade?
- Qual a profissão do seu pai?
- E da sua mãe?
- Em qual bairro você mora?
- O que você faz nos seus momentos de lazer?
- Como você vem para a escola (meio de transporte)?
- Quem é o seu ídolo? (não sendo permitido responder com figuras religiosas ou familiares);
- Qual o seu estilo musical preferido?
- Qual é o seu sonho ou objetivo a ser realizado após a conclusão do Ensino Médio?

Optei por essa abordagem para que ela ajudasse a criar um ponto de partida que tornasse as aulas mais conectadas às vivências dos estudantes. Ao trabalhar

com a atividade, observei que os alunos se mostraram engajados e curiosos, especialmente ao responderem sobre seus ídolos e estilos musicais preferidos. Uma característica marcante foi que a maior parte dos alunos escolheu ídolos do universo do RAP, o que também apareceu em suas respostas sobre os gêneros musicais mais escutados. Esse dado refletiu não apenas os gostos culturais da turma, mas também uma identificação com um movimento que dialoga com questões sociais e representa, em muitos casos, suas próprias vivências e lutas cotidianas.

A análise das respostas revelou um panorama diverso, mas também deixou evidentes algumas desigualdades. Muitos alunos relataram dificuldades no transporte para a escola, com longos percursos feitos a pé ou de ônibus, e uma rotina de lazer bastante limitada, frequentemente restrita a atividades em casa ou na vizinhança. Essas informações não apenas enriqueceram minha compreensão sobre o contexto dos estudantes, mas também me permitiram planejar discussões que abordassem temas como mobilidade urbana, desigualdade social e as possibilidades de transformação por meio da educação.

Além disso, compartilhar minha própria trajetória como ex-aluno de escola pública e atual docente em formação UFRGS foi uma boa estratégia. Percebi que os estudantes, ao ouvirem sobre minha experiência, ficaram mais receptivos e dispostos a dialogar sobre o acesso às universidades públicas. Um aluno, por exemplo, perguntou como eu havia conseguido superar as dificuldades financeiras para estudar, o que abriu espaço para discutir políticas de cotas e programas de permanência. Essa interação reforçou minha crença no poder transformador da educação e na importância de construir um vínculo que vá além do conteúdo curricular.

Essa atividade inicial foi crucial para estabelecer uma conexão com a turma. Ao conhecer suas histórias, gostos e desafios, não apenas me tornei mais sensível às suas necessidades, como também aprendi que um ensino realmente crítico começa pela escuta ativa e pela valorização das experiências dos alunos.

5.2 Aula 3 – Refletindo sobre desigualdades sociais a partir de “Capítulo 4 Versículo 3”

Durante meu trabalho, uma das práticas mais marcantes foi o uso da música "Capítulo 4, Versículo 3", do grupo Racionais MC's, como recurso didático na aula em questão. A escolha desse RAP não foi aleatória: sua narrativa potente expõe a realidade de jovens negros e periféricos, conectando-se diretamente ao tema da aula, que abordava desigualdades socioeconômicas e raciais no Brasil.

O primeiro momento da aula foi dedicado à audição da música e à reflexão inicial dos alunos sobre a letra. Perguntei o que mais havia chamado sua atenção e se os dados descritos por Mano Brown ainda refletiam a realidade brasileira. Essa estratégia funcionou como um disparador para o engajamento da turma. Alguns alunos, no entanto, demonstraram dificuldade em expor suas opiniões com profundidade, o que, a princípio, limitou a interação. Mesmo assim, as respostas mais espontâneas, como "*Sor, é assim mesmo até hoje*"¹² ou "*Parece que a música fala do que eu vejo na minha quebrada*", me ajudaram a direcionar a discussão para a análise crítica.

No segundo momento, apresentei dados históricos e atuais sobre desigualdade racial, destacando os avanços proporcionados pela Lei de Cotas (2012) no acesso ao ensino superior pela população preta e parda. Os alunos se mostraram impactados pela comparação entre os dados dos anos 1990, período de lançamento da música, e os números de 2024.

A integração entre música, dados estatísticos e notícias foi essencial para criar um ambiente de aprendizado ativo. Durante a síntese, pedi que refletissem sobre a importância de discutir desigualdades na escola e o papel das políticas públicas na transformação social. Um dos momentos mais marcantes foi quando um aluno, ao final do debate, afirmou: "*Nunca pensei que entrar na faculdade podia ter a ver com uma lei dessas. Minha irmã tá na faculdade por causa disso.*"

Essa prática me ensinou que, embora a música seja uma ferramenta poderosa para atrair a atenção e contextualizar conteúdos, a profundidade das

¹² Para manter a organização e a clareza no texto, as falas dos estudantes serão apresentadas em *itálico* e entre "aspas". Essa escolha visa diferenciar os depoimentos dos alunos das reflexões e descrições do autor, facilitando a leitura e destacando as contribuições dos estudantes ao longo do trabalho.

reflexões depende de estratégias que ajudem os alunos a conectar as informações. Essa experiência reforçou meu entendimento de que o ensino de Geografia pode e deve ser um espaço para o exercício crítico da cidadania e da inclusão social.

A escolha de abordar desigualdades sociais e raciais através da música "Capítulo 4, Versículo 3" dos Racionais MCs foi uma oportunidade de ampliar os horizontes dos alunos para além do conteúdo curricular. Muitos estudantes não tinham conhecimento de que universidades públicas são gratuitas e que existem políticas de ação afirmativa, como a Lei de Cotas, que podem facilitar seu acesso ao ensino superior. Trabalhar esse tema em sala de aula possibilitou não apenas a construção de conhecimento geográfico, mas também a conscientização sobre direitos e oportunidades que podem transformar suas trajetórias de vida.

Ao relacionar os dados históricos e atuais à narrativa do RAP, pude perceber que os alunos começaram a enxergar o ensino superior como uma possibilidade concreta para sua emancipação social. A desconstrução de inverdades sobre o acesso à universidade e a discussão de políticas públicas criaram um ambiente em que eles puderam visualizar perspectivas que antes pareciam distantes ou inalcançáveis. A aula não apenas apresentou um panorama crítico das desigualdades estruturais, mas também empoderou os estudantes, mostrando que a educação pode ser um caminho para superar barreiras sociais e ampliar suas possibilidades de futuro.

Essa prática pedagógica dialoga diretamente com as reflexões de Marc Lamont Hill sobre projetos baseados no Hip-Hop:

[...] para determinar ou não um projeto baseado em Hip-Hop, os professores devem também levantar questionamentos críticos sobre suas dinâmicas: Como o sucesso está sendo definido? Por que este projeto é um sucesso ou não? Como o contexto de sala de aula é remodelado por este projeto? De que forma as pessoas foram empoderadas ou não? Qual era a relação entre a minha própria postura e o projeto? Quais lições o projeto oferece para a prática futura? Tais perguntas permitem professores baseados em Hip-Hop atuar como professores-pesquisadores engajados e intelectuais críticos públicos (2014, p. 214).

A aula permitiu levantar questões críticas sobre o sucesso da proposta, tanto no engajamento dos alunos quanto na forma como o contexto de sala de aula foi remodelado. O RAP, como instrumento pedagógico, transformou a dinâmica da aula

ao trazer a vivência dos alunos para o centro das discussões, emponderando-os ao conectá-los com um universo acadêmico que, muitas vezes, é percebido como distante de sua realidade.

Refletindo sobre os objetivos da prática e as lições para o futuro, entendo que minha postura foi essencial para mediar o diálogo entre o conteúdo musical, os dados apresentados e as vivências dos estudantes. Apesar de desafios como a insegurança inicial de alguns alunos, o projeto cumpriu sua função ao estimular debates críticos, fortalecer o vínculo entre ensino e realidade social, e criar um espaço de construção coletiva do conhecimento. Essas experiências reforçam minha convicção de que a educação deve ser uma prática libertadora, capaz de ressignificar trajetórias individuais e coletivas, e de preparar os jovens para serem protagonistas de suas próprias histórias.

5.3 Aula 4 – Discutindo o Dia da Consciência Negra a partir de “Favela Vive 2”

Durante a quarta aula do estágio supervisionado, dediquei-me ao tema "Consciência Negra e Quilombos no Brasil". Meu objetivo era apresentar aos estudantes a relevância histórica, cultural e social dos quilombos, promovendo debates sobre racismo estrutural e o protagonismo das populações negras. Para isso, desenvolvi uma abordagem integrada, utilizando materiais como o “Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS” (Pires e Bitencourt, 2021), o livro “Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre” (Dorfman, 2015) e a música "Favela Vive 2", do grupo ADL.

A aula foi organizada em três momentos. No primeiro, busquei engajar os alunos a partir de questões como: "Quem foi Zumbi dos Palmares?" e "Existem quilombos em Porto Alegre?". As respostas evidenciaram tanto o interesse quanto lacunas no conhecimento prévio da turma. As contribuições foram registradas no quadro, permitindo-me planejar o desenvolvimento da aula de forma que dialogasse diretamente com as expectativas e necessidades dos estudantes.

No segundo momento, contextualizei historicamente os quilombos e apresentei o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS. Esse material foi

essencial para demonstrar a importância da cartografia como ferramenta de valorização e visibilidade das populações quilombolas. Relacionei essa discussão à história do bairro Restinga, utilizando o livro “Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre” para destacar os impactos da segregação urbana e das remoções forçadas na formação das periferias.

O terceiro momento foi marcado pela análise de um trecho da música "Favela Vive 2", que trouxe uma abordagem crítica e emocional sobre resistência, desigualdade social e racismo estrutural. Ao discutir a linha "E quilombos de madeirite e concreto", conectei as lutas históricas dos quilombos às realidades contemporâneas das comunidades periféricas. Essa atividade gerou reflexões entre os estudantes. Um dos alunos, por exemplo, comentou: *"Parece que nada mudou; a luta continua, só que agora o inimigo usa gravata."* Essa resposta demonstrou uma compreensão das dinâmicas de exclusão social e uma visão crítica da realidade a partir da interpretação da letra da música.

Essa aula me ensinou que a combinação de diferentes materiais e linguagens – como textos acadêmicos, mapas e músicas – potencializa o aprendizado ao conectar teoria e prática com as vivências dos estudantes. Além disso, percebi a importância de criar espaços de diálogo em sala de aula, onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas opiniões e questionar as estruturas de poder que permeiam nossa sociedade.

Essa experiência reafirma meu compromisso com uma prática pedagógica que não apenas busca transmitir conhecimento, mas que promova a reflexão crítica e a valorização das diversidades. Ensinar sobre quilombos e consciência negra vai além de cumprir uma obrigação curricular; é uma forma de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de questionar as estruturas de desigualdade e imaginar um futuro mais justo e inclusivo.

5.4 Aula 5 - Avaliação

Ao final do meu estágio obrigatório, fiz uma avaliação com o objetivo de consolidar os temas abordados durante as aulas. A prova incluía questões que integravam Geografia Física e Humana, indo desde os movimentos da Terra até

debates sobre racismo estrutural e políticas públicas de reparação histórica. Minha intenção era proporcionar uma experiência avaliativa que exigisse mais do que a memorização de conteúdos, mas também a interpretação, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação, essencial para a formação cidadã dos estudantes.

O sucesso dessa experiência foi definido a partir de dois critérios principais: o engajamento dos estudantes com os temas propostos e sua capacidade de articular ideias de forma crítica, tanto nas respostas às questões quanto nas interações em sala. Em meu entendimento, esse projeto foi bem-sucedido porque conseguiu mobilizar os alunos a refletirem sobre questões sociais relevantes, conectando os conteúdos escolares às suas vivências. Além disso, a inclusão do RAP como ferramenta pedagógica transformou o contexto da sala de aula, tornando-a um espaço mais dinâmico e representativo das experiências culturais dos estudantes.

O uso do RAP, em especial a música "Capítulo 4, Versículo 3" dos Racionais MCs, remodelou o ambiente da sala de aula ao introduzir um elemento da cultura popular que os alunos reconhecem como parte de suas realidades. Isso empoderou os estudantes, pois lhes deu voz e permitiu que enxergassem a relevância de seus contextos culturais na construção do conhecimento. Uma aluna, por exemplo, compartilhou comigo que deseja se tornar professora de Ciências Humanas, mencionando que as aulas a ajudaram a enxergar a Geografia "além de terrenos". Ao final da última aula, ela me entregou um bilhete com os seguintes dizeres:

"Obrigado pelas aulas, Sor João Gabriel. Foi bom poder olhar pra Geografia além de terrenos. Boa sorte com a formatura! Continue passando suas aulas desse jeito e com certeza seus alunos terão bons resultados. Obrigada por me viciar em Capítulo 4 Versículo 3."

Este gesto foi um dos momentos mais emocionantes do estágio, pois reafirmou meu pensamento de que o ensino pode transformar vidas e inspirar novas trajetórias. Minha postura durante o projeto foi fundamental para seu êxito. Procurei criar um ambiente acolhedor e participativo, onde os estudantes se sentissem à vontade para questionar e opinar. Essa abordagem não apenas facilitou a

compreensão dos conteúdos, mas também fortaleceu o vínculo entre mim e os alunos, gerando um clima de confiança e respeito mútuo. O uso do RAP como ferramenta de ensino refletiu minha própria identidade e paixão pela cultura hip-hop, mas também exigiu que eu me colocasse como mediador, ajudando os estudantes a fazerem conexões entre os textos das músicas e os conceitos geográficos e sociais discutidos em aula.

O trabalho oferece várias lições para minha prática futura. Primeiramente, reforça a importância de utilizar materiais e métodos que dialoguem diretamente com as vivências dos estudantes. A sala de aula não pode ser um espaço isolado da realidade; ela precisa acolher as experiências culturais, sociais e históricas dos alunos. Em segundo lugar, destaca o valor de criar um ambiente onde o aprendizado seja um processo compartilhado. Por fim, mostra que a educação crítica é capaz de não apenas ensinar conteúdos, mas também transformar vidas, inspirando confiança e empoderamento.

Conforme aponta Hill (2014, p. 214), “A fim de exercer com êxito pedagogias com Hip-Hop, os professores devem prestar muita atenção nos alunos e nas paisagens culturais que ocupam. Isso requer um envolvimento profundo com as pedagogias mencionadas *de* e *sobre* Hip-Hop, assim como um compromisso reflexivo com a nossa própria prática.” O bilhete da aluna reflete como minha postura pedagógica — baseada na escuta ativa e na conexão com o universo cultural dos estudantes — possibilitou a construção de um espaço significativo de aprendizagem. Essa experiência reforça a importância de um ensino que se compromete tanto com os conteúdos escolares quanto com a formação cidadã, mostrando que uma prática reflexiva e conectada às realidades dos estudantes pode, de fato, transformar a sala de aula em um local de empoderamento e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha experiência durante a realização deste trabalho foi marcada por desafios, reflexões e aprendizados que contribuíram para consolidar minha prática pedagógica. Desde o início da pesquisa, percebi um elemento central que guiaria minhas aulas: o interesse dos alunos pela cultura hip-hop e pelo gênero RAP. Esse gosto ia além de um simples apreço musical; era uma expressão das vivências sociais e culturais desses jovens, que encontrei ao longo da prática docente. Essa conexão foi essencial para explorar caminhos pedagógicos que tornassem o ensino de Geografia mais significativo e próximo de suas realidades.

Ao longo da pesquisa, a análise de minha trajetória pessoal trouxe à tona semelhanças marcantes com as condições socioeconômicas de muitos alunos. Um exemplo significativo foi o caso de uma aluna que, como eu, é filha de um motorista de ônibus e de uma empregada doméstica e que expressou seu desejo de seguir a carreira docente. Esse tipo de identificação me ajudou a compreender o contexto em que esses jovens vivem e a elaborar estratégias pedagógicas que dialogassem diretamente com suas experiências. Um dos momentos mais marcantes foi receber um bilhete dessa aluna, agradecendo pelas aulas e mencionando que aprendeu a ver a Geografia "além de terrenos". Esse gesto reafirmou o propósito do trabalho: construir uma prática docente que vá além da abordagem tradicional, conectando conteúdos escolares às vivências dos alunos.

Embora tenha enfrentado desafios, como a insegurança dos alunos e a complexidade de integrar teoria e prática, o desenvolvimento deste trabalho reafirmou meu compromisso com uma prática pedagógica transformadora. Inspirado por autores como Marc Lamont Hill (2014) e bell hooks (2020), acredito que a sala de aula deve ser um espaço de resistência e aprendizado mútuo, onde o professor e os alunos compartilham suas histórias, refletindo sobre as desigualdades que os cercam. O RAP, nesse contexto, não foi apenas uma ferramenta, mas um meio de conectar vivências, despertar reflexões e promover a construção de um olhar mais crítico e inclusivo sobre o mundo.

Além disso, a pesquisa me permitiu revisitar minha própria trajetória, reforçando a importância de uma prática educacional que valorize as diversidades e

dialogue com a realidade social dos estudantes. Ao olhar para os caminhos percorridos, vejo que este trabalho foi fundamental para minha formação como professor e para reafirmar minha crença de que a educação pode ser um instrumento de transformação social.

Antes de iniciar minha formação, tinha receios quanto à minha preparação para a profissão de professor. Temia não ter desenvolvido plenamente minha identidade docente devido ao afastamento causado pela pandemia e sentia que meu conhecimento em Geografia poderia apresentar "lacunas", como se isso pudesse me impedir de ser um professor completo. Hoje, meus medos estão mais relacionados à possibilidade de precisar renunciar à minha identidade para me adequar a certos ambientes profissionais. Meu objetivo é ser um professor comprometido, consciente do meu papel, próximo dos alunos e animado em sala de aula. Ao mesmo tempo, considero essencial manter a coragem para fazer críticas construtivas e estimular os estudantes a refletirem e desenvolverem seu pensamento crítico.

O trabalho de conclusão de curso foi fundamental na construção da minha identidade docente. Ele foi a primeira oportunidade de experimentar autonomia na pesquisa a partir das reflexões advindas da relação teoria e prática. Pois, a sala de aula, funcionou como um verdadeiro "laboratório", onde pude pensar e desenvolver ideias sobre métodos, abordagens e até ajustar meu tom de voz. As aulas na Faculdade de Educação da UFRGS também foram essenciais nesse processo. Elas criaram um espaço de troca de ideias e experiências que ajudaram a aprimorar minhas práticas pedagógicas, permitindo identificar o que funciona, o que precisa ser ajustado e o que deve ser descartado.

Concluir essa etapa como pesquisador trouxe reflexões profundamente alinhadas com os autores que orientam minha prática docente. Marc Lamont Hill (2014), com sua pedagogia hip-hop, afirma: "O professor tem a capacidade de mudar vidas. Você não mudará todas as vidas, na verdade você não mudará a maioria delas. Mas sim, você mudará vidas!"¹³ Essa frase ecoa no que discutimos durante as apresentações de nossas observações nas escolas. Falamos sobre o peso da responsabilidade de transformar a vida de todos os alunos, algo que

¹³ Frase proferida durante entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SqF79nDgQaU&ab_channel=NationalAssociationofIndependentSchools%28NAIS%29. Acesso em 01/01/2025.

inevitavelmente nunca será plenamente alcançado. No entanto, o trabalho de conclusão de curso nos mostrou que, mesmo sem alcançar todos, conseguimos impactar algumas vidas, o que nos conforta e reafirma que a jornada na educação vale a pena. Embora a ideia de "mudar o mundo" pareça inalcançável, o mundo é feito de indivíduos, e transformar a vida de uma pessoa já representa uma mudança significativa.

Além disso, as ideias de bell hooks (2020) em “Ensinando Pensamento Crítico também reverberam na minha prática”. Ela afirma: “Quando enxergamos a sala de aula como um lugar onde professores e estudantes podem compartilhar sua ‘luz interna’, temos o caminho para vislumbrar quem somos e como podemos aprender juntos” (p. 40, 2020). É exatamente esse ambiente que procuro construir em minhas aulas: um espaço de aprendizado mútuo, onde os alunos são incentivados a serem protagonistas e a relacionarem o conteúdo com suas experiências cotidianas. Minha identidade docente é minha "luz interna", e busco, através dela, estimular os alunos a explorarem e compartilharem a deles.

A cada aula, aprendemos muito com os alunos, que trazem contribuições valiosas e provocam reflexões inéditas no professor, ampliando nossa perspectiva e nos tornando melhores a cada interação. Esse processo reflete o que é o ensino-aprendizagem coletivo: um momento em que todos – professores e alunos – aprendem juntos.

REFERÊNCIAS

HILL, Marc Lamont. **Batidas, Rimas e Vida Escolar: Pedagogia Hip-hop e as Políticas De Identidade**. Petrópolis: Editora Vozes. 2014.

DIAS, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RACIONAIS MC. **Sobrevivendo no Inferno**. Companhia das Letras, 1ª edição, 2018.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Editora Elefante, 2020.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado. **Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS: Cartografias Contracoloniais**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.

DORFMAN, Adriana (org.). **Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

YOUTUBE: **Favela Vive 2 (Cypher) – ADL, BK, Funkero e MV Bill (Prod. Índio)** . Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cT7ZXxAMetY&ab_channel=OWERÁ. Acesso em: 05/09/2023.

APÊNDICES

Nota metodológica: Os planos de aula apresentados foram elaborados sob a supervisão do Prof. Orientador do Estágio Supervisionado em Geografia IV, no semestre 2024/2 e, não pela orientadora do TCC.

APÊNDICE 1:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA III - ENSINO FUNDAMENTAL



Identificação da escola: Colégio Estadual Dr. Glicério Alves

Ano e turma: 1º ano **Disciplina:** Geografia

Nome do Estagiário: João Gabriel Lorde

Prof. Orientador: Nestor André Kaercher

Nº de períodos: 2 períodos **Nº da aula:** 1

Competência: Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.

Habilidade: Identificar as diferentes individualidades presentes dentro de uma sala de aula.

Objetivo: O objetivo desta aula é estabelecer um primeiro contato entre os professores e os alunos, criando um ambiente de confiança e colaboração, conhecer o perfil e os interesses dos alunos, e apresentar o cronograma das atividades que serão desenvolvidas ao longo das próximas semanas.

Desenvolvimento

PRIMEIRO MOMENTO: Apresentação (35 minutos)

Comecei a aula me apresentando aos alunos, com o intuito de criar um vínculo inicial e estabelecer um ambiente de confiança e respeito mútuo. Escrevi meu nome no quadro e compartilhei minha trajetória, falando sobre quem eu era, onde morava e por que escolhi lecionar Geografia.

Como também estudei nessa mesma escola durante todo o Ensino Médio, contei para os alunos a minha trajetória desde então, quando comecei a almejar o ensino superior na UFRGS, para que minha história pudesse servir de exemplo para que eles ampliassem seus horizontes ao pensarem em qual caminho seguir depois da escola. A maioria dos alunos de escolas públicas de periferia sequer sabia da possibilidade de fazer uma faculdade de forma gratuita, por isso enfatizei a importância de levar informações sobre as políticas de acesso e permanência nas universidades públicas, principalmente a lei de cotas.

SEGUNDO MOMENTO: Questionário (35 minutos)

Na sequência, apliquei uma pequena pesquisa com o objetivo de conhecer melhor o perfil da turma e adaptar as aulas às suas realidades e interesses. Para isso, distribuí uma tabela (ANEXO 1) onde os alunos responderam a questões sobre sua condição socioeconômica, seus gostos musicais e sua percepção sobre os lugares que frequentavam.

TERCEIRO MOMENTO: Cronograma de atividades (35 minutos)

Finalizei apresentando uma previsão das atividades que realizaria como estagiário. Mostrei no quadro as datas em que trabalharíamos juntos (cinco

APÊNDICE 2:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA IV - ENSINO MÉDIO



Identificação da escola: Colégio Estadual Dr. Glicério Alves

Ano e turma: 1º ano – 1A e 1D

Disciplina: Geografia

Tema:

População brasileira e suas desigualdades

Nome do Estagiário: João Gabriel Lorde

Prof. Orientador: Nestor André Kaercher

Nº de períodos: 2 períodos

Nº da aula: 3

Data: 08/11 **Horário:** 07:30 –

11:00

Competência: Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.

Habilidade: Analisar e discutir questões socioeconômicas e associadas à população brasileira, compreendendo a relação entre desigualdade social, ocupação de espaços urbanos e acesso a direitos como educação e liberdade.

Objetivo: Incentivar os alunos a refletirem sobre a desigualdade socioeconômica e racial no Brasil e a importância de políticas públicas de ações afirmativas para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Desenvolvimento

PRIMEIRO MOMENTO: Questão desequilibrante (35 minutos)

“Reproduzi a música *Capítulo 4 Versículo 3* dos Racionais MCs, de 1997, e perguntei o que mais lhes chamou a atenção na letra da música. Perguntei também quais dados sobre a população brasileira foram trazidos pelo rapper Mano Brown.

Em seguida, trouxe a notícia da BBC¹⁴ sobre a população carcerária brasileira, com dados atuais, e perguntei aos alunos se eles achavam que a realidade brasileira descrita no RAP havia mudado durante esses quase 30 anos ou se essa problemática pessoal ainda persistia.

Trecho da Letra da Música “Capítulo 4 Versículo 3”:

“60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são
negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são
negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre
violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”

SEGUNDO MOMENTO: Parte teórica (35 minutos)

Apresentei dados sobre a ocupação de vagas nas universidades pela população preta e parda (negra) no Brasil há aproximadamente três décadas, quando essa música foi lançada, e comparei com os dados atuais, de 2024.

É verificado um aumento na presença de negros nas universidades nos últimos anos, como resultado da Lei de Cotas (2012). A partir daí, reforcei a importância de políticas públicas que possibilitam o acesso universal de todas as classes sociais e etnias, sem qualquer tipo de discriminação, no ensino superior. Destaquei a importância dessas políticas para a construção de uma sociedade mais igualitária no futuro.

Fonte: <https://www.scielo.br/j/cp/a/tttVNfkLTtGXpmb8JDFcdnD/?lang=pt#>

¹⁴ British Broadcasting Corporation (BBC) é a emissora pública do Reino Unido, fundada em 1922. Reconhecida mundialmente, a BBC produz e transmite conteúdo jornalístico, educacional e de entretenimento, operando em diversas plataformas, como rádio, televisão e internet

TERCEIRO MOMENTO: Síntese (35 minutos)

Conduzi uma síntese da discussão, pedindo que os alunos reflitam e argumentem sobre as seguintes questões:

- Qual a importância de se discutir temas como desigualdade e inclusão social na escola?
- Como políticas públicas, como a Lei de Cotas, podem contribuir para a transformação social?
- Em que medida o acesso à educação pode impactar a realidade socioeconômica e cultural do Brasil?

APÊNDICE 3:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA IV - ENSINO MÉDIO



Identificação da escola: Colégio Estadual Dr. Glicério Alves

Ano e turma: 1º ano – 1A e 1D

Disciplina: Geografia

Tema:

Consciência Negra e Quilombos no Brasil

Nome do Estagiário: João Gabriel Lorde

Prof. Orientador: Nestor André Kaercher

Nº de períodos: 2 períodos

Nº da aula: 4

Data: 22/11

Horário:

07:30 – 11:00

Competência: Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.

Habilidade: Identificar e compreender o significado histórico, social e cultural dos quilombos no Brasil, relacionando-os com as lutas contemporâneas das populações quilombolas.

Objetivo: Promover o reconhecimento da importância histórica e cultural dos quilombos e do papel da Consciência Negra na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, além de fomentar debates sobre questões raciais e o protagonismo de populações marginalizadas no Brasil.

Desenvolvimento

PRIMEIRO MOMENTO: Questão desequilibrante (35 minutos)

Iniciei a aula falando sobre o feriado de 20 de novembro, da Consciência Negra, em memória a Zumbi dos Palmares, um dos maiores líderes quilombolas da história brasileira, se não o maior símbolo de resistência contra a escravidão.

Instiguei os alunos a participarem com as seguintes perguntas:

- Quem foi Zumbi dos Palmares?
- O que é um quilombo?
- Existem quilombos em Porto Alegre? Onde?

Registrei as contribuições dos alunos no quadro, destacando palavras-chave e ideias principais para orientar a próxima etapa da aula.

SEGUNDO MOMENTO: Parte teórica (35 minutos)

Expliquei aos alunos que essa foi a primeira vez que a data foi um feriado no Rio Grande do Sul e, além disso, foi inaugurada uma estátua de Zumbi dos Palmares no largo que também leva o seu nome, na região central de Porto Alegre.

Além disso, contei brevemente a história de Zumbi e do Quilombo dos Palmares, até chegar no significado de quilombo.

Por fim, apresentei aos alunos o “Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS” (Pires e Bitencourt, 2021) e sua importância como um recurso para melhor representar essas populações através de suas próprias percepções, trazendo maior visibilidade para elas nos mapas.

Ainda tratando de territórios negros de Porto Alegre, trouxe para os alunos o exemplo da Restinga, também localizada no extremo-sul da capital e próxima ao bairro da escola. Neste caso, não se tratava de um quilombo, mas sim de um bairro formado por pessoas negras removidas da região central e realocadas para a periferia da cidade. O livro “Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre”, organizado pela Profa. Dra. Adriana Dorfman, me ajudou a contar a história desse bairro, além de conter um mapa que explicava o processo de realocação da população que hoje vive na Restinga (MAPA 1).

Dessa forma, estive respondendo às questões desequilibrantes propostas no primeiro momento.

TERCEIRO MOMENTO: Síntese (35 minutos)

Apresentei e discuti o trecho da música “Favela Vive” do grupo ADL, destacando como a letra aborda questões de resistência, desigualdade social e racismo estrutural. Expliquei aos alunos que a música retrata a luta das comunidades periféricas contra o sistema que as marginaliza, trazendo à tona a

violência e a discriminação sofridas por esses grupos, enquanto também ressalta a resistência e a busca por visibilidade e dignidade.

Aproveitei para questionar os alunos sobre como as temáticas da música se conectam com a realidade de muitas pessoas no Brasil, especialmente nas periferias, e de que forma o racismo estrutural ainda se reflete nas condições de vida dessas populações.

O trecho da música em questão fala:

aberto

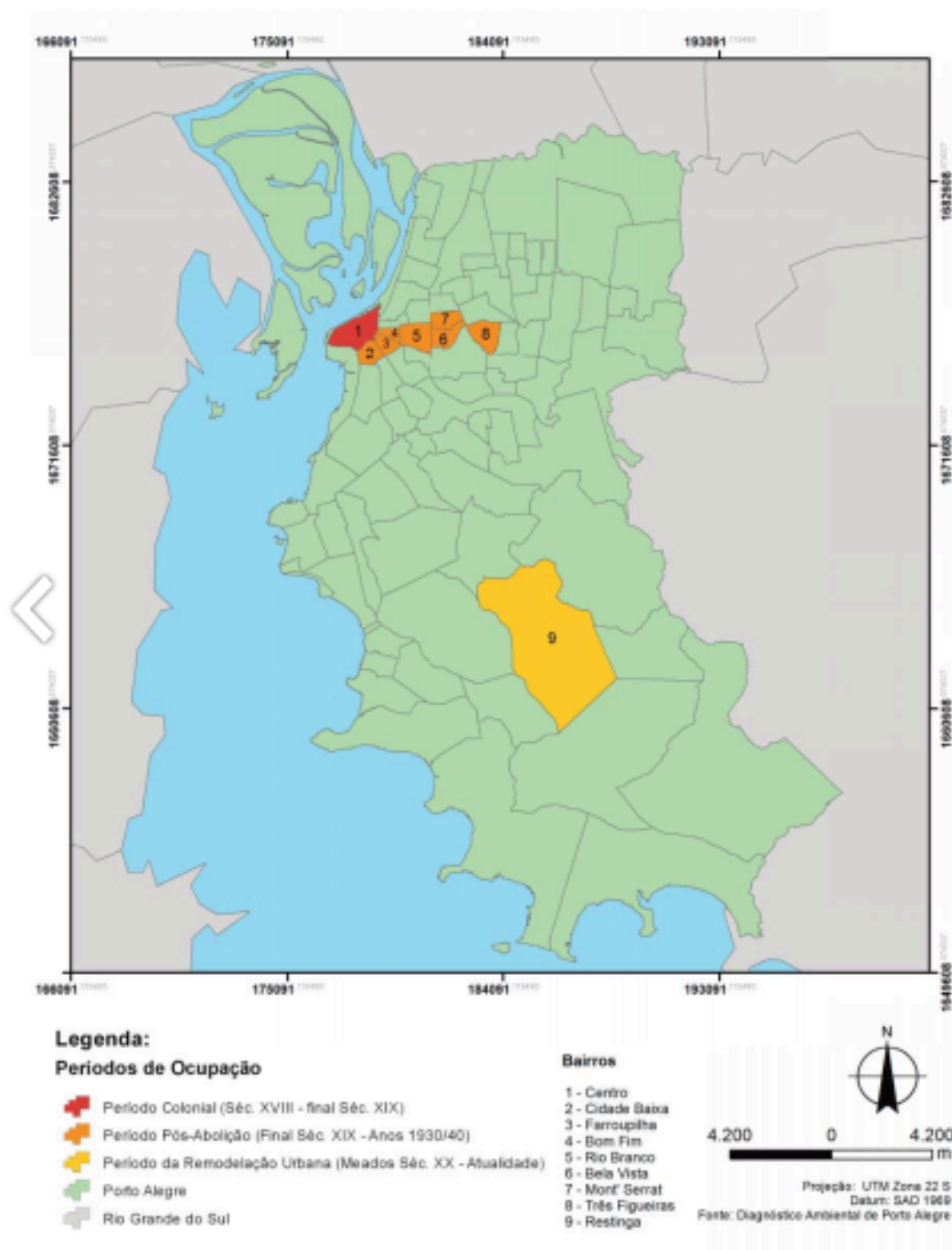
*“Favela vive no coração de cada morador
Na lembrança de cada vida que a guerra levou
Somos a tribo perdida, trazida de longe
Somos filhos da lama, Brasil que a mídia esconde
Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu*

*E quilombos de madeirite e concreto
O futuro chegou e ainda usamos corrente
Escravizados através do tráfico de entorpecente
Nos empurram todo dia goela a abaixo
Ódio, medo, desespero e incentivo à violência
Dizem que somos bandidos
Mas quem mata usa farda e exala despreparo e*

truculência”

Trecho do rapper Funkero em ADL (Além da Loucura). Favela Vive. Disponível em: https://youtu.be/XYvrwZmjXJY?si=_PM4OFAt6qJotwZg. Acesso em: 15/11/2024

MAPA 1:



Fonte: VIEIRA, Daniele Machado. *Percursos negros em Porto Alegre: estratégias geográficas para educação*. TCC (Licenciatura em Geografia) – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

APÊNDICE 4:



COLÉGIO ESTADUAL DR. GLICÉRIO ALVES

PROVA DE GEOGRAFIA – 3º Trimestre



Professor Estagiário: João Gabriel Lorde

Aluno(a): _____ Turma: _____

Data: _____

Nesta prova estão sendo avaliadas as seguintes competências e habilidades de acordo com a BNCC - Base Nacional Curricular Comum:

Competência Específica 5 - Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS502): Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503): Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

Orientações Gerais

Leia as questões com atenção antes de responder.

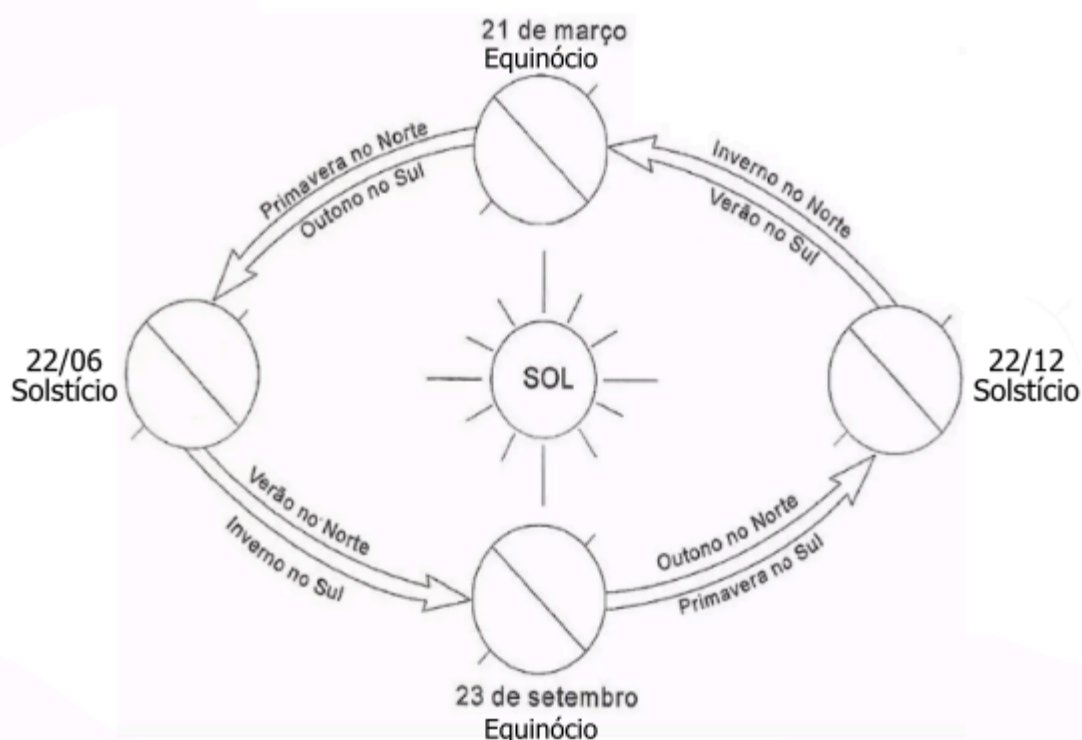
Permaneça em silêncio para não atrapalhar os demais colegas.

Utilize caneta azul ou preta para as respostas.

Não é permitido o uso de celulares ou outros dispositivos eletrônicos durante a prova.

Desejo uma boa prova a todos! 😊

1. (2 pts) No dia 22 de dezembro ocorre o solstício de verão, momento da translação onde o hemisfério sul da Terra (onde vivemos) recebe a luz do Sol por mais tempo em um dia, dando início à estação mais quente do ano. Em 22 de junho ocorre o oposto, o hemisfério sul recebe a menor quantidade de luz solar no ano, dando início ao inverno, a estação mais fria.



Assinale V (Verdadeiro) ou F (Falso) para as afirmativas abaixo:

- () Em certo momento da Translação, a Terra fica mais próxima do Sol e portanto, sua temperatura aumenta.
- () As estações do ano são definidas pela inclinação da Terra em relação ao plano de sua órbita.
- () Em Porto Alegre, temos as estações bem definidas devido à nossa localização na zona temperada do sul. A cidade de Belém-PA, por sua vez, localizada na zona tropical da Terra, próximo à linha do equador, não tem as estações bem definidas pois recebe praticamente a mesma quantidade de luz solar durante todo o ano.
- () O movimento de translação é responsável pelos fenômenos de dia e noite, enquanto o movimento de rotação define as estações do ano, como verão e inverno.

2. (1 pt) (ENEM 2016) O hip hop tem sua filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades. Colocando-se como um contraponto à miséria, às drogas, ao crime e à violência, o hip hop busca interpretar a realidade social. Seu objetivo é justamente encontrar saídas e fornecer uma alternativa à população excluída.

SOUZA, J.; FIALHO, V. M.; ARALDI, J. Hip hop: da rua para a escola. Porto Alegre: Sulina, 2008.

As autoras abordam no texto um movimento cultural que também tem características reconhecidas

nos traços e formas que representam personagens de olhos desproporcionalmente maiores e expressivos, conhecidos como mangá.

nas formas de se vestir e de cortar os cabelos com objetivos contestadores à ordem social, próprios do movimento punk

nas frases e dizeres de qualquer espécie, rabiscados sobre fachadas de edifícios, que marcam a pichação.

nos movimentos leves e sincronizados com os pés que deslocam o dançarino, denominado moonwalk.

nas declamações rápidas e ritmadas de um texto, com alturas aproximadas, características do RAP.

3. (1 pt) (UFGD) Sobre Capítulo 4, Versículo 3, pertencente originalmente ao álbum Sobrevivendo no inferno (1997), do grupo Racionais MC's, é correto afirmar que é

a) um discurso poético musical em que há empenho de um eu lírico para definir sua identidade tanto em relação aos jovens da chamada elite, quanto aos da sua comunidade, que pode ser chamada de periférica, demarcando sua posição em relação à cor da pele, rejeitando, como tentação do demônio, as drogas e o álcool, a violência e o consumismo, o sexo desmedido e a busca pela fama.

b) um texto rítmico poético em que um narrador, por meio do uso de rimas, conta histórias sobre a vida dos negros da periferia, grupo no qual se inclui, mostrando que não há diferenças fundamentais entre suas próprias escolhas de vida e as dos chamados “branquinhos do shopping”, dos “manos” e do “PM negro”, uma vez que todos estão seduzidos pelo consumo e pela publicidade.

c) um exemplo de funk engajado em que o eu lírico se dizendo missionário, busca desde o início definir sua identidade que, aos poucos, vai se consolidando como sendo fortemente marcada pela cor da pele, pelo acolhimento da violência, das drogas e do álcool, como elementos adequados a um perfil ao mesmo tempo consumista e, contraditoriamente, religioso, ancorado na Bíblia.

d) uma canção de protesto que tenta igualar a violência e a arte, apresentando um narrador que afirma a ação revolucionária em detrimento da acomodação religiosa, para combater as seduções do sexo, do consumo, das drogas e da violência, demarcando sua posição como jovem negro periférico distinto dos brancos de elite, mas também distinto dos jovens violentos e dos drogados.

e) uma música de entretenimento da periferia, feita para jovem negro periférico, apresentando um eu lírico que, para se definir, exalta o consumismo, o uso das drogas e da violência, numa letra repleta de convites ao disparo indiscriminado de armas de fogo (vide as onomatopeias), propondo o extermínio do jovem branco da elite como forma de vingança social.

4. (3 pts) Nas últimas décadas, o Brasil tem avançado no debate e na implementação de políticas públicas voltadas à redução das desigualdades sociais, incluindo aquelas marcadas pelo racismo estrutural. Um dos campos em que esses avanços são notáveis é o acesso ao ensino superior.

Segundo dados do IBGE e do INEP, em 2000, menos de 2% dos jovens negros estavam matriculados em universidades públicas. Com a implementação de políticas de ação afirmativa, como a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), esse número cresceu significativamente: atualmente, mais de 50% dos estudantes matriculados em instituições públicas de ensino superior são pretos ou pardos.

Com base nesse contexto, responda:

a) Explique o que é o racismo estrutural e como ele influencia o acesso de pessoas negras ao ensino superior no Brasil:

b) Analise como a Lei de Cotas contribui para a redução das desigualdades educacionais no país, destacando seus impactos sobre a presença de negros nas universidades federais:

5. (3 pts) Os quilombos representam territórios de resistência e preservação cultural da população negra no Brasil, formados inicialmente por pessoas escravizadas que fugiam em busca de liberdade e organização comunitária. Em Porto Alegre, o Atlas da Presença Quilombola mapeia e dá visibilidade a esses territórios, reconhecendo sua relevância histórica e social.

a) Explique o que é um quilombo e como esses territórios foram formados no contexto da história do Brasil.

b) Analise a importância da representação de comunidades quilombolas em mapas, como o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre, para valorizar a memória histórica e para a luta pelos direitos dessas comunidades.

c) Cite uma ou mais razões pelas quais o reconhecimento oficial dos territórios quilombolas ainda é um desafio no Brasil nos dias de hoje.